



Salário mínimo
R\$ 1.100

Dólar
Na sexta-feira

R\$ 5,229
(▼0,93%)

Últimas cotações (em R\$)	
30/abril	5,432
3/maio	5,419
4/maio	5,431
5/maio	5,365
6/maio	5,278

Euro
Comercial, venda na sexta-feira

R\$ 6,361

Capital de giro
Na sexta-feira

5,60%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)

3,46%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Novembro/2020	0,89
Dezembro/2020	1,35
Janeiro/2021	0,25
Fevereiro/2021	0,86
Março/2021	0,93



acolher os mais pobres que passe por algum benefício que também é recebido por famílias menos pobres. Essa, por exemplo, é a proposta do pessoal do Ipea do benefício universal infantil. Tem todo um arranjo de unificar os benefícios, inclusive, aqueles para crianças no Imposto de Renda. É um caminho.

O Brasil perdeu a luta contra a pobreza ou ainda há tempo de revertê-la?

A gente ainda não perdeu. Há tempo sim. Passamos por um período auspicioso de redução da pobreza, desde o Plano Real e nos primeiros anos do Bolsa Família. Existe tempo, e essa é uma discussão que precisa ser feita, até pelas mudanças tecnológicas atuais, que fazem com que muitas famílias não sejam mais incluídas no modelo de proteção anterior, porque é muito baseado em emprego com carteira assinada, algo que está mudando. Vai ser importante, mesmo para as famílias que têm pessoas trabalhando, ter algum tipo de transferência que não dependa da contribuição direta e do vínculo com o patrão. Um benefício como o Bolsa Família é um caminho importante. Estamos vendo que muitos países estão discutindo isso. Até mesmo os Estados Unidos, o que era uma coisa até pouco tempo impensável para um país com tradição tão liberal pensar nesse tipo de política. Existe esperança de que, nessa legislatura ou na próxima, o país consiga fazer uma transformação mais importante para voltar àquela trajetória de redução da pobreza que o país vivia.

O salário mínimo sempre foi visto como importante instrumento de distribuição de renda, com correção acima da inflação. Mas o ministro Paulo Guedes critica muito o mínimo e diz que atrapalha a entrada de jovens no mercado de trabalho. Como o senhor avalia a questão?

De fato, quando olhamos os dados, efetivamente, o beneficiário do salário mínimo migrou, na distribuição de renda, para grupos mais intermediários. Não quer dizer que quem o recebe é rico, de forma alguma. Mas quem recebe um salário mínimo no Brasil atual não é mais a pessoa que está na pior situação. É meio dramático dizer isso, mas é porque essa pessoa, pelo menos, tem um emprego. Existe a preocupação de quem ficou para trás e que nem o salário mínimo consegue receber. De fato, com uma situação de um Orçamento apertado e com uma disputa de recursos muito dura, o Bolsa Família sai na frente em relação à possibilidade que tem, principalmente, para reduzir a pobreza extrema. Talvez, para o público do salário mínimo, seja mais interessante o abono salarial, alguma outra política que não afete a empregabilidade, que é uma preocupação que o Paulo Guedes tem, por exemplo, mas que o Lula externou no passado, em relação à legislação trabalhista para os jovens. Mesmo um governo de esquerda, assumindo a partir das eleições do ano que vem, vai ter dificuldade para retomar o ritmo de valorização do salário mínimo diante da situação fiscal e do desemprego alto. O caminho passa mesmo por uma valorização do Bolsa Família e menos pelo salário mínimo.

Qual é o caminho para o país acelerar o processo de redução da pobreza? É a educação?

Acho que são duas coisas. É muito importante a transferência de renda, principalmente para aquelas famílias com dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Agora, a longo prazo, certamente, passa pela educação, desde a primeira infância. Existe uma atenção grande da ciência, modernamente, para essa fase de desenvolvimento. Não é algo que era tão importante no passado, mas, agora, existem políticas sendo desenvolvidas para creches, para transferência de renda para famílias com crianças de até seis anos, que é considerado um período voltado para a formação do cére-

bro e das habilidades cognitivas. Sem dúvida, a educação é um caminho para o desenvolvimento de longo prazo, inclusive, para o filho do porteiro.

O modelo de educação que temos não é exclusivo?

Não sou especialista em educação. O que mais me preocupa em relação à educação agora é, de novo, essa questão da primeira infância. Temos um sistema de creche ainda muito incipiente. Existe pouca mobilização da sociedade nesse sentido e poucos lobbies. Há algumas experiências interessantes, como o Criança Feliz, com visitação domiciliar para ensinar uma mãe como estimular o filho e como olhar para ele. Existem programas bem-sucedidos no Ceará, mas é preciso, em larga escala, olhar para essa fase da vida. Porque os estudos têm mostrado que é mais difícil recuperar depois. Se tem escola boa ou se, em políticas para o mercado de trabalho, não vai ser tão simples se a situação de um cidadão que perdeu a primeira infância num ambiente muito estressante, num ambiente de miséria e num ambiente sem acesso à água limpa. É muito difícil para o cérebro dele recuperar esse período. Em termos de educação, essa é a grande questão para discutir: a ênfase na primeira infância. Ela passa pela educação, pela ênfase num sistema de creches, que está muito longe de ser universal.

E onde entra o crescimento econômico? O Brasil não cresce, praticamente, há 15 anos, na média...

O crescimento é muito importante, principalmente para o país ter capacidade de financiar políticas. Mas tem uma questão interessante num país que é tão desigual: se olharmos muito para PIB, a gente periga não olhar para os mais pobres. Se o PIB é uma média sobre todas as rendas, a variação da renda do pobre, como é bem menor, vai contar pouco. Podemos correr o risco de não perceber que a situação dos mais pobres não está melhorando, mas os mais ricos estão vivendo melhor, e, como a renda dele é maior, o PIB pode parecer crescer. Hoje em dia, realmente, o mais preocupante é o desemprego. Ainda mais depois dessa crise que atingiu as famílias de forma tão desigual. O PIB, talvez, já não seja a melhor métrica para analisar o país.

Dado o contexto do país, o que deve ser focado pelo governo para conter esse aumento da pobreza? O que é prioritário?

O prioritário é construir uma ampliação dessa rede de proteção social, seja pelo Bolsa Família, seja por outro programa. E é prioritário arrumar os recursos para isso. Acho que é importante que o governo consiga pautar outras reformas, como, por exemplo, a administrativa e a tributária. Tem que tentar discutir a questão social com outras agendas para mobilizar os recursos. Todo mundo é a favor de ampliar a transferência de dinheiro para os mais pobres, mas, na hora de escolher quem vai pagar, fica mais difícil. Essa é uma discussão central. E, nesse contexto da pandemia, é uma grande oportunidade para discutir isso. Talvez, em um outro momento mais calmo, não seja tão fácil. É uma grande oportunidade, como os Estados Unidos estão tentando fazer.

A política do presidente Joe Biden (EUA) agora é de mais Estado, enquanto o Brasil fala de menos Estado. O país parece que vai sempre na onda contrária...

Parece.

O senhor acompanhou de perto a reforma da Previdência. Os ganhos esperados vieram?

No fim de 2019, o país passou por uma redução dos juros e do risco país, que acompanhava o êxito da reforma da Previdência. Mas a reforma foi praticamente promulgada, ao que parece, no momento em que o vírus nascia, em novembro de 2019. O consenso é de que a reforma ajudou muito a financiar o auxílio emergen-



O Bolsa Família tem impacto muito maior para a redução da pobreza do que o salário mínimo, pois quem o recebe está empregado"

cial e a resposta à pandemia. O país chegou a uma situação fiscal que não teve nos últimos anos. Mas não vamos colher os benefícios de médio e longo prazos, muito embora se ficasse naquela economia de R\$ 1 trilhão. Podemos achar que o efeito já foi todo consumido durante a pandemia, mas estaríamos em uma situação mais adversa se não tivéssemos feito aquela mudança da Previdência.

Com a pandemia, há uma queda grande na expectativa de vida do brasileiro. Que impacto isso tem nas políticas públicas?

Essa queda, ao que parece, vai

ser conjuntural. Há uma expectativa de que, em algum momento, haverá a vacinação e o controle dessa doença. A curto prazo, a queda na expectativa de vida vai afetar, principalmente, a concessão das aposentadorias. Aquelas que são calculadas pelo fator previdenciário vão acabar aumentando. Será algo inédito. O fator previdenciário vinha sempre aumentando por conta da expectativa de vida maior (reduzindo o contracheque dos aposentados). Agora, o fator vai diminuir temporariamente (elevando o valor a ser pago). Mas, eu acho que, de forma permanente, não tende a ter nenhum impacto relevante, pois estou supondo que a doença vai ser, eventualmente, controlada.

Se isso não acontecer, é possível ter ciclos de redução da expectativa de vida?

Sim, pode. Tem uma janela de curto prazo. Alguns estados já estão reportando aumento nas taxas de ITCMD (Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação),

que é pago na ocasião da herança. Mas, a longo prazo, talvez, o principal impacto da pandemia para as políticas públicas seja na educação. Muita criança ficou sem estudar direito, e isso vai gerar sequelas. O país já tinha grandes desafios de melhorar a educação, de fazer os recursos investidos serem traduzidos em indicadores de provas de proficiência, em salários melhores, em produtividade. Esse desafio fica ainda maior agora. Vamos ter que discutir muito a qualidade da educação nos próximos anos, até por uma questão de transição demográfica. A partir do momento em que teremos menos jovens, será preciso que eles sejam mais qualificados para sustentar a economia do país.

Mas como a redução da expectativa de vida da população impacta a aposentadoria? Quando esse impacto ficará evidente? Pode ser a partir do ano que vem?

A redução da expectativa aumenta o valor de novas aposentadorias. Esse será o caso daquelas que são calculadas pelo fator previdenciário. Desde que ele foi implementado, houve uma tendência do fator ser maior a cada ano, porque a expectativa de vida subia. A lógica era de que o recebimento da aposentadoria se daria por mais tempo, então, haveria um ajuste (para baixo) no valor. Com a pandemia, devemos observar queda na expectativa de vida em 2020 e 2021. Isso deve afetar o fator previdenciário em 2022 e em 2023, quando as aposentadorias concedidas devem ser maiores. Quem estiver sujeito à regra do fator e puder adiar a aposentadoria, pode se interessar em esperar até esses anos. De forma geral, a pandemia

se reflete na Previdência. Há uma queda do número de aposentadorias já concedidas, mas um aumento do número de pensões por morte, e, a médio prazo, de benefícios como a aposentadoria por invalidez. Há um reflexo também na arrecadação, já que, com mais pessoas desempregadas, há menos contribuintes. No caso dos benefícios assistenciais, podemos imaginar, talvez, mais concessões do BPC (Benefício de Prestação Continuada), já que as famílias empobreceram e seus idosos poderiam acessar o benefício.

Dá para as gerações futuras terem otimismo no Brasil? O país sempre foi o país do futuro, mas ele nunca chega...

Tem um prêmio Nobel de Economia que, na verdade, é psicólogo, o Daniel Kahneman. Ele tem uma frase em um dos livros dele marcante, que é algo assim: ser pessimista não é ser inteligente, porque você vai sofrer duas vezes. Portanto, se ele pudesse ensinar alguma coisa para as pessoas, seria que elas fossem mais felizes e otimistas. Quando a situação ruim de fato acontecer, pelo menos não sofreu antes. É importante manter a esperança no Brasil. Conquistamos muitas coisas ao longo dos últimos 30 anos, e o país tem tudo para se livrar das mazelas que ainda nos aflige.

Apreendeu com nossos fracassos?

Acho que é melhor fazer essa questão para responder depois da eleição do ano que vem e ver como é que o país vai lidar com esse legado da gestão da pandemia. Já estamos começando a tratar disso na própria CPI da Covid, no Senado, onde se avalia o que está acontecendo com o Brasil.



CASTELO SAINT ANDREWS

NA MAIS ENCANTADORA CIDADE TURÍSTICA DO BRASIL - GRAMADO/RS

Jardins Encantadores • Maravilhosa Vista para o Vale do Quilombo • Suítes Luxuosas • Serviço Exclusivo de Mordomo/Chofer • Restaurante Primrose Adegas Gourmet com Excelente Carta de Vinhos • Menus Personalizados • Boulangerie • Cigar Lounge • Academia • Piscina Aquecida • Sauna • Spa

PREPARAMOS PROGRAMAÇÕES ESPECIAIS PARA VOCÊ APROVEITAR AO SEU MODO!

ONE WEEK EXPERIENCE 7 Noites (Dom. a Dom. ou Qui. a Qui.)

INCLUÍMOS:

- ✔ Traslado Carro Privativo - In/Out Aer. Canela, P. Alegre ou Caxias
- ✔ Recepção com Welcome Drink de "Boas Vindas"
- ✔ Hospedagem em Suite Luxuosa com serviço de mordomia
- ✔ Café da Manhã com excepcional menu degustação
- ✔ Jantar elaborado por nosso Premiado Chef
- ✔ Jantar Temático Harmonizado Weekend Experience no sábado
- ✔ Noite de Pizzas Gourmet em nossa Boulangerie
- ✔ Piquenique Romântico
- ✔ Chá da Tarde
- ✔ Visita ao Geo Museu
- ✔ Visita a charmosa vinícola com degustação
- ✔ Terapia Relaxante

WEEK EXPERIENCE 4 Noites (Dom. a Qui.)

INCLUÍMOS:

- ✔ Traslado Carro Privativo - In/Out Aer. Canela, P. Alegre ou Caxias
- ✔ Recepção com Welcome Drink de "Boas Vindas"
- ✔ Hospedagem em Suite Luxuosa com serviço de mordomia
- ✔ Café da Manhã com excepcional menu degustação
- ✔ Dois jantares elaborados por nosso Premiado Chef
- ✔ Visita ao Geo Museu
- ✔ Chá da Tarde
- ✔ Visita a charmosa vinícola com degustação
- ✔ Terapia Relaxante para acalmar o corpo e mente

MAIO - OUTONO NO CASTELO

- Festival de Fondues do Castelo (22/Maio)
- Especial Macallan e Cohiba (29/Maio)

JUNHO - MÊS DOS NAMORADOS NO CASTELO

- Fondue Experience (05/Junho)
- Especial Vinhos Argentinos (19/Junho)
- Exp. Vinhos do Velho Mundo (26/Junho)

WEEKEND EXPERIENCE

INCLUSO NAS PROGRAMAÇÕES:
ONE WEEK EXPERIENCE 7 NOITES
3 NOITES (Qui. a Dom.) - 2 NOITES (Sex. a Dom.)

Toda semana um jantar temático aos sábados, harmonizado com os melhores vinhos do mundo.

ACESSE O LINK EXPERIÊNCIAS EM NOSSO SITE E FAÇA JÁ SUA RESERVA!

FÉRIAS NO CASTELO - JUL/AGO

- Festival Fondue Suisse (03/Julho)
- Krug Experience (10/Julho)
- Noite Alemã no Castelo (17/Julho)
- Sabores do Brasil (24/Julho)
- Chandon Experience (31/Julho)
- Festival Dia dos Pais (8/Agosto)
- Festival Catena Zapata (15/Agosto)
- Experience Pata Negra (21/Agosto)
- Brunello di Montalcino (28/Agosto)

Nossa hospitalidade e comodidade de sempre com todos os protocolos oficiais para sua saúde e segurança.



RESERVAS E INFORMAÇÕES
www.saintandrews.com.br
(54) 3295-7700 (54) 99957-4220
ou com seu agente de viagens

